

Cabaceiras: a Cidade Turística no Cariri da Paraíba¹

Cabaceiras: the tourist city of Paraíba in Brazil

Ana Cláudia Papes²
João Morais de Sousa³

Resumo: O turismo é, ainda, um campo onde estão encobertos mitos e contradições. Por um lado há reforços na corrente crítica dos que percebem existir, nesta atividade, relações de dominação econômica e submissão das culturas locais aos ditames do mercado. São esses que nos fazem questionar se o turismo é, de fato, promotor do desenvolvimento de uma região. Em contrapartida é generosa, e crescente, a lista dos defensores de que este impulsiona a geração de empregos e renda, permitindo-se mobilidade social e, conseqüentemente, melhoria do bem estar das populações. Este artigo revela os resultados de uma pesquisa descritiva que analisou, por meio de um estudo de caso, as repercussões na economia e cultura de Cabaceiras, localizada no interior da Paraíba, após a implantação do projeto Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano (THCCP), desenvolvido pelo Sebrae. A partir de uma pesquisa bibliográfica apresentam-se algumas teorias críticas ao pensamento positivista do desenvolvimento e do turismo, refutando-as com visões contrárias. A leitura será complementada com descrições e análises, embasadas na visão dos atores do lugar da pesquisa, das mudanças ocorridas quanto à geração de emprego e renda, sazonalidade turística, valorização da cultura local e infraestrutura turística. A pesquisa revelou uma avaliação positiva do projeto THCCP quanto ao diagnosticar e apontar oportunidades voltadas à melhoria da atividade turística. Porém, o mesmo foi carente de uma gestão mais permanente, capaz de assegurar uma melhor formação sobre a cultura local e a presença de toda população na busca por um desenvolvimento equitativo e mais justo socialmente.

Palavras-chave: Desenvolvimento; Projeto THCCP; Turismo; Cultura; Cabaceiras.

Abstract: Tourism is also a field where are cloaked myths and contradictions. On the one hand there are reinforcements in critical chain of who realize exist, this activity, economic domination and submission relationships of local cultures to the dictates of the market. Are those that make us question whether tourism is, in fact, promoter of the development of a region. On the other hand is generous, and growing, the list of supporters that this drives the generation of jobs and income, enabling social mobility and, consequently, improve the well-being of populations. This article reveals the results of a descriptive research, which examined through a case study, the impact on economy and culture of Cabaceiras, located inside the Paraíba, after deploying the Cultural historic tourism project in the Cariri Paraibano (THCCP), developed by Sebrae. From a search bibliography presents some critical theories of positivist thought and development of tourism, disproving them with opposing views. The reading will be complemented with descriptions and analyses, informed in view of the actors of the place of research, of changes regarding the generation of employment and income, seasonal tourism, valuing local culture and tourism infrastructure. The survey revealed a positive evaluation of the project THCCP how to diagnose and pinpoint opportunities focused on the improvement of tourist activity. However, it was lacking in a more permanent management, capable of ensuring a better training about the local culture and the presence of the whole population in the search for an equitable development and socially fairer.

Keywords: Development; Design; THCCP; Tourism; Culture; Cabaceiras.

JEL: O1, Z1.

¹ Artigo recebido em janeiro de 2012 e aprovado em janeiro de 2012.

² Jornalista pela UFPB e Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Universidade Federal de Campina Grande (UEPB/UFCG). Assessora de Imprensa da Prefeitura de Campina Grande. Endereço para contato: anapapes@gmail.com.

³ Doutor em Sociologia e Mestre em Ciência Política. Professor adjunto da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Universidade Federal de Campina Grande (UEPB/UFCG). Endereço para contato: joaomsousa@uol.com.br.

Introdução

As discussões sobre o tema desenvolvimento têm crescido nos meios acadêmicos nas últimas décadas, especialmente quando os mais críticos começaram a dissociar a relação entre crescimento de uma economia e o desenvolvimento de uma sociedade. Ainda no século passado, instituições governamentais passaram a privilegiar o discurso do desenvolvimento, na perspectiva de associar crescimento econômico à sustentabilidade e bem estar social. Seria um desenvolvimento com produção de riqueza, porém, esta distribuída com equidade. O envolvimento das comunidades na construção desse desenvolvimento mais justo, permitindo-lhes trabalhar como atores e não apenas como peças coadjuvantes, também passou a ser tema de debates, liderados tanto por acadêmicos quanto por representantes do Poder Público.

Poucas vezes, entretanto, discursos se concretizam em práticas. O planejamento de projetos volta-se, quase sempre, para estatísticas, beneficiando pequenos grupos e centralizando esse desenvolvimento apenas no contexto econômico. Pouco se analisam das mudanças sócio-culturais, ou seja, de um desenvolvimento pensado *na e para* a sociedade. Buscam-se números considerados positivos para a conquista desse desenvolvimento, cujos debates relacionados são cada vez mais controversos.

É neste contexto econômico, de pensar o desenvolvimento, que surge o turismo como alternativa viável à promoção de mudanças em uma sociedade. Defendido por muitos gestores públicos como indispensável para se obter crescimento nas arrecadações, o turismo é apontado como solução para a geração de mais empregos e renda e obtenção de melhorias em infraestrutura, capazes de elevar a qualidade de vida dos moradores.

Como diz Paiva (2005), a euforia pelo lucro faz prevalecer visões econômicas e técnicas, privilegiando um turismo em termos operacionais e comerciais, baseados no consumo. Por isso, não é incomum que administrações públicas vejam, neste, a principal alternativa para elevar suas economias. Não avaliam que, para fazê-lo, é necessário um bom planejamento, em que sejam pensados os benefícios e malefícios que a atividade pode gerar.

Em Cabaceiras, interior da Paraíba, uma pesquisa recente analisou as repercussões na economia e cultura após a implantação do projeto Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano (THCCP), desenvolvido pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) no período 2006/2008⁴. Para tanto, foram descritas e analisadas as características e modificações ocorridas quanto à geração de emprego e renda, sazonalidade turística, valorização da cultura local e infraestrutura turística, considerando como marco temporal da pesquisa o período 2004-2010.

Embora o projeto do Sebrae fosse pensado para 31 municípios do Cariri, decidiu-se focalizar a pesquisa em Cabaceiras (com 5.035 habitantes, segundo IBGE 2010) em função de seu potencial histórico-cultural ser reconhecido no segmento turístico paraibano. Destaca-se a história da formação da cidade, cuja primeira exploração acredita-se ter ocorrido por volta do século XVII; arquitetura de estilo neoclássico; gastronomia baseada na carne caprina; festas religiosas e populares, a exemplo das Festas de São Bento, São João e do Bode Rei, respectivamente;

⁴ O projeto Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano teve início em primeiro de janeiro de 2006 e término em 31 de dezembro de 2008. Portanto, seu período de vigência foi o triênio 2006-2008.

artesanato, cujas peças fabricadas pela Arteza⁵, são comercializadas no Brasil e exterior desde os anos de 1990.

Existem ainda os potenciais turísticos naturais e conhecidos no mundo por suas belezas, apontadas como exóticas e misteriosas: são os monumentos chamados Saca de Lã e o Lajedo de Pai Mateus. O primeiro recebeu esse nome em função das pedras gigantes, em formatos retangulares, postas umas sobre outras, formando um imenso paredão de pedras. A imagem faz lembrar sacas de lã empilhadas, por isso a denominação Saca de Lã.

O Lajedo de Pai Mateus é uma formação rochosa, que muitos estudiosos defendem ter origem vulcânica, cuja coloração amarelada (devido à presença de fungos) chama a atenção dos visitantes. Lá estão pedras gigantes com formatos variados. Algumas parecem conchas invertidas. O exotismo deste lugar tem atraído, desde a década de 1990, turistas do Brasil e exterior, estudiosos e pesquisadores interessados na geologia daquele local. Outro público visitante é formado por desportistas e amantes da natureza.

O município também desperta o interesse de produtores de cinema, sendo por isso um potencial para o turismo cinematográfico. Mais de vinte filmes tiveram Cabaceiras como cenário. O primeiro, em 1924, “*A Ferração dos Bodes*”. Os mais conhecidos são “*Cinema, Aspirinas e Urubus*”, de Marcelo Gomes, seguido do mais popular, até os dias atuais, “*O Auto da Compadecida*”, baseado na obra de Ariano Suassuna, e depois “*Romance*”, ambos dirigidos por Guel Arraes. Os produtores de cinema buscam o lugar que, além da paisagem atraente, possui uma luminosidade considerada excelente para o trabalho das filmagens. Em 2011 o lugar serviu ainda de locação para filmar algumas cenas de uma telenovela brasileira⁶.

2 Versões Teóricas e Históricas sobre Desenvolvimento e Turismo

Embora a Biologia o tenha associado à evolução dos seres vivos, referindo-se ao processo pelo qual os organismos atingiam seu potencial genético final, foi nas Ciências Econômicas que o termo desenvolvimento conseguiu se destacar mundialmente, com maior ênfase no período pós II Guerra Mundial, quando os Estados Unidos saíram vencedores frente a uma Europa apontada como “fracassada”. Logo, esta nação se apresentou como modelo a ser seguido por outras que desejavam superar o que estava apontado como sendo pobreza. Para Esteva (2000) à época os Estados Unidos eram uma “máquina produtiva incessante, sendo, indiscutivelmente, o centro do mundo”.

Pode-se dizer que o conceito norte americano do que seria desenvolvimento foi “lançado” como sinônimo de crescimento e progresso em 20 de janeiro de 1949, durante o discurso de posse do presidente americano Harry Truman. A partir desse momento, segundo Esteva (2000) uma nova era passou a existir. Uma era que, sem critérios justificáveis, dividiu os países em desenvolvidos e subdesenvolvidos.

Desde então o termo desenvolvimento passou a ser associado à noção de crescimento da economia, priorizando não as pessoas com suas culturas e tradições distintas, mas os bens e o capital propriamente dito. Esteva (2000, p. 59) ressalta

⁵ Arteza é a Cooperativa dos Curtidores e Artesãos em Couro do Distrito de Ribeira de Cabaceiras.

⁶ A telenovela citada é *Aquele Beijo*, transmitida pela Rede Globo, cuja estréia aconteceu em outubro de 2011.

parte desse discurso: “É preciso que nos dediquemos a um programa ousado e moderno que torne nossos avanços científicos e nosso progresso industrial disponíveis para o crescimento e para o progresso de áreas subdesenvolvidas”⁷.

Com a citação “áreas subdesenvolvidas” o então presidente americano fez surgir, no início da segunda metade do século XX, uma desleal divisão mundial entre o que seria subdesenvolvido (que passou a ser a realidade de bilhões desde aquela época), e o que seria desenvolvimento, cujo padrão teria como referência o paradigma americano.

Como destaca Coriolano (2001) antes do impacto da II Guerra Mundial, os países eram classificados conforme critérios culturais, religiosos e geográficos, sendo ainda chamados de civilizados ou não-civilizados, católicos ou não-católicos, orientais ou ocidentais. Uma forma de classificação que mudou, a partir dos resultados de uma guerra, que conseguiu transformar a história da humanidade.

Passados pouco mais de 60 anos do discurso de Truman, a busca por um desenvolvimento pautado pelo modelo norte americano, restrito ao crescimento econômico e ignorando questões como igualdade social e meio ambiente, não logrou os resultados esperados pela maioria das nações. Mesmo assim, muitas ainda sacrificam seus povos em tentativas inúteis de copiar os ditos “padrões alheios”, numa busca incessante por “esse modelo de desenvolvimento”.

Sachs, W. (2000) compara a busca pelo desenvolvimento a um farol que orienta marinheiros até a praia, sendo que este farol guia as nações do pós II Guerra ao paradigma americano de desenvolvimento. Para Sachs, W. (2000, p. 11-12) “governos e cidadãos continuam a manter seus olhos fixos naquela luz que apaga e acende a mesma distância em que sempre esteve [...] no entanto, a luz insiste em recuar, cada vez mais, na escuridão”.

A questão ecológica é outro fator que impossibilitaria o alcance desse desenvolvimento até então projetado. Em *O Mito do Desenvolvimento Econômico* (1981), Furtado alerta que, praticamente a maioria da literatura disponível, e tomada como referência no final do século XX, defendia que o desenvolvimento econômico poderia ser universalizado, desde que fossem tomadas como parâmetro algumas práticas adotadas pelos países que foram líderes da Revolução Industrial.

Mais grave seria crer que padrões de consumo de uma minoria, habitante de países altamente industrializados, poderia se tornar acessível às populações residentes nos países do chamado *mundo subdesenvolvido*. Desprezavam-se, à época, as consequências danosas que a busca por esse desenvolvimento causaria nos planos cultural e ambiental (FURTADO, 1981). Pioneiro na defesa do meio ambiente, Furtado enfatiza a impossibilidade de universalizar todas as formas de vida com as dos moradores de países ricos (CAVALCANTI, 2001). Isso porque “a pressão sobre os recursos não renováveis e a poluição do meio ambiente seriam de tal ordem que o sistema econômico mundial entraria em colapso” (FURTADO, 1981).

Enfim, o previsto pelos defensores do desenvolvimento econômico “a ideia de que os povos pobres podem algum dia desfrutar das formas de vida dos atuais povos ricos” é irrealizável, um mito, como assegura Furtado (1981). Porém, essa visão ainda domina o senso comum, desviando atenções de tarefas mais importantes, como a identificação de necessidades básicas da população e a possibilidade que possui a ciência e a educação de transformar pessoas em cidadãos mais críticos. Para Furtado (2009, p. 161),

⁷ Discurso de Truman. 20 de janeiro de 1949, in Documentos on *American Foreign Relations*, Princeton University Press, 1967

O subdesenvolvimento é, portanto, um processo histórico autônomo, e não uma etapa pela qual tenham, necessariamente, passado as economias que já alcançaram grau superior de desenvolvimento. Para captar a essência do problema das atuais economias subdesenvolvidas necessário se torna levar em conta essa peculiaridade.

Passada mais de uma década do discurso de Truman, começaram os pensamentos sobre um desenvolvimento mais associado ao homem. Para essa nova orientação de desenvolvimento, que buscava avanços econômicos em consonância com o bem estar da sociedade, associaram-se conceitos como os de desenvolvimento local e/ou desenvolvimento na escala humana. A proposta seria promover um desenvolvimento valorizando os potenciais do lugar e permitindo às pessoas, dessa localidade, suas participações na construção de melhorias financeiras e sociais.

Esse desenvolvimento, também chamado de “mais humano”, se constitui, segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 1998) *apud* BUARQUE, 2008), na possibilidade de promover, de forma igualitária, melhorias na educação, saúde, habitação, meio ambiente e infraestrutura, oferecendo às pessoas melhores condições de vida e lhes permitindo participar de decisões que influenciarão as suas vidas. Porém, na avaliação de Buarque (2008, p. 31) “[...] esse desenvolvimento local não pode ser confundido com o isolamento da localidade e seu distanciamento dos processos globais; ao contrário, a abertura para os processos externos é um fator de propagação e estímulo à inovação local”.

Para autores como Rivero (2002) e Ouriques (2005) essa busca pelo desenvolvimento tem, incansavelmente, experimentado teorias e políticas consideradas exitosas em determinadas nações. Entretanto, as desigualdades sociais e situações de extrema pobreza são, ainda, uma realidade em países que buscam o desenvolvimento pautado no paradigma norte americano. Esse desenvolvimento tem procurado suporte em distintos segmentos e o turismo seria, na visão de Ouriques (2005, p. 95) “o último milagre do capitalismo mundial em sua jornada auto-expansiva”. Para este autor, tanto certos segmentos da academia, quanto da política, apontam o turismo como terceira (ou até segunda) principal fonte de renda mundial.

De fato, é inegável a importância dada ao turismo como ponte para o crescimento econômico e progresso de uma sociedade. Não há plano de governo, desde a mais avançada nação à menor cidade interiorana de um país, que não contemple ações voltadas ao turismo como sendo essenciais à promoção do desenvolvimento. A Organização Mundial do Turismo (OMT, 2003) confirma que, mundialmente, o turismo se transformou num dos principais segmentos socioeconômicos, como também peça chave no comércio internacional. O MTur (2011) estima ainda que 7,2 milhões de brasileiros trabalham, hoje, nas chamadas Atividades Características do Turismo (ACTs), e estima-se um crescimento de 10%, por ano, até 2014.

Em *Sociologia do Turismo* (2009) Jost Krippendorf chama atenção para essa prosperidade, medida, apenas, por números ou índices de crescimento da economia. Para o autor veem-se, apenas, as vantagens do crescimento econômico, sem avaliar possíveis danos ou reais benefícios ao homem e, muito menos, descuidos ao meio ambiente. Na visão de Krippendorf (2009, p. 25),

A economia reina soberana em nossa civilização. Ela é, ao mesmo tempo, a força motora, o fim e o meio. Ela dita a conduta a adotar. A

exploração dos recursos naturais, a escala de valores do homem e a política do Estado caíram sob seu domínio e a ela estão subordinados.

Não raro, essa busca insana pelo desenvolvimento pode causar desequilíbrios na cultura dos lugares. Sobre isso, o próprio Krippendorf (2009) se mostra pessimista à entrada do turismo em regiões rurais, permitindo-se relacionar a mesma visão sobre as regiões periféricas⁸. Para o autor, diferente das cidades maiores, nessas regiões as condições financeiras da população são mais baixas, assim como é menor o grau de educação da maioria da população. Então, as promessas feitas pelos que defendem o desenvolvimento por meio do turismo fazem a população aceitar praticamente todas as condições impostas, na crença de que “agora surgiu a oportunidade de mudar suas vidas”. (KRIPPENDORF, 2009, p. 71),

[...] ninguém fala das eventuais repercussões negativas, apenas do lucro, do trabalho e da melhor qualidade de vida. E quando o turismo houver invadido a região e os autóctones tiverem tomado conhecimento da verdade, às suas próprias custas, a euforia inicial dará lugar à desilusão e à visão mais realista das coisas. Mas talvez seja tarde demais, porque os autóctones terão perdido o controle sobre seu próprio destino.

Ainda em *O Mito* (1981), Furtado demonstra sua preocupação com a preservação da identidade cultural face às mudanças, provocadas pela economia. Seu temor era que a busca incessante pelo desenvolvimento, “visto pelos padrões de vida alheios aos da maioria”, provocasse mudanças na cultura de determinadas populações que buscavam escapar da condição, (segundo Furtado uma condição historicamente criada) de subdesenvolvidas.

Para Furtado (1981) no sistema capitalista, essa busca geraria o que o mesmo denominou de “mimetismo cultural”, ou seja, a reprodução de formas de vida e de consumo dos países cêntricos (FURTADO, 1981, p. 45). São os chamados, por Furtado (1981), de *desdobramentos culturais*, criados na vã tentativa de superação do subdesenvolvimento.

Autores como Beni fazem um alerta aos que conduzem o turismo cultural em função, apenas, dos benefícios econômicos. Para o mesmo, fatores como a especulação desenfreada, planejamento inadequado ou inexistente são capazes de destruir uma paisagem ou mesmo a identidade cultural de uma comunidade. Segundo Beni (2006) conforme o planejamento adequado e gestão da localidade, é possível garantir a preservação da história, cultura e patrimônio, resultando em benefícios aos residentes. Caso contrário, poderá dar-se início a um processo de alteração ou degradação da cultura local e do ambiente, prejudicando moradores e diminuindo o interesse dos turistas. Enfim, deve-se atentar para que seja evitada a má utilização ou a depreciação de potenciais que são permanentes.

Na compreensão de Barreto (2003) é imprescindível a qualquer população o esclarecimento sobre o que, de fato, seja cultura. Segundo a autora, a partir dessa compreensão as repercussões negativas do turismo poderão ser minimizadas, permitindo-se, então, potencializar os impactos positivos. Com um poder público atuante, e uma comunidade fortalecida e defensora de seus bens, é possível evitar

⁸ De acordo com Ferreira (2010) numa cidade a periferia é àquela região mais afastada do centro urbano. Este é o conceito tomado para o presente artigo.

descaracterizações dos potenciais culturais locais, o que, por vezes, ocorre após a inserção de agentes externos. Como defende Setúbal (2011)⁹, ampliar esse debate é permitir que a cultura não seja tratada superficialmente ou compreendida, apenas, como mero evento cultural. É preciso relacioná-la com a cidadania de um povo, com sua sustentabilidade e com os patrimônios materiais e naturais do lugar.

3 Cabaceiras: O caso estudado

O interesse neste estudo de caso se justificou por proporcionar uma avaliação do turismo em Cabaceiras, não tomada na percepção do turista ou visitante, mas com base nas falas e compreensões dos sujeitos atuantes nas fases de introdução, desenvolvimento ou execução do projeto Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano (THCCP). Considerando o marco temporal 2004-2010, possibilitou-se fazer uma avaliação considerando dois anos antes e dois anos após a inserção do referido projeto. Por meio de entrevistas, foram coletadas avaliações de representantes do Sebrae Paraíba; proprietários de pousadas e hotel; guias de turismo; condutores locais de turismo; agentes culturais; representantes da comunidade e da Prefeitura Municipal de Cabaceiras. Outros dados, referentes ao comércio local, renda, infraestrutura turística e trabalho no segmento turístico, foram apresentados após um levantamento de informações junto a Prefeitura Municipal de Cabaceiras, Sebrae, Empresa Paraibana de Turismo (PBTur) e Junta Comercial do Estado da Paraíba (Jucep).

Para Yin (2005) um estudo de caso que faz uso de variadas fontes de evidências será muito mais convincente para o leitor, que terá em mãos dados convergentes ou divergentes sobre o fenômeno analisado. Por ser uma pesquisa descritiva, cujo objetivo está em descrever características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis (GIL, 2002, p. 42) decidiu-se por fazer uma análise com base nos dados levantados e nas opiniões, crenças e avaliações dos sujeitos participantes deste estudo. Em todas as fontes pesquisadas buscaram-se respostas aos objetivos específicos, pautadas com base nos resultados previstos no projeto Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano¹⁰.

4 A inserção do projeto e o trabalhar a cultura do lugar

A inserção do projeto THCCP em Cabaceiras gerou uma série de expectativas, visto que sua proposta possibilitaria fazer com que todo o município fosse, igualmente, beneficiado com o turismo, contrariando o que ocorria até àquele momento, em que o Lajedo de Pai Mateus (uma propriedade particular) costumava ser o lugar mais procurado por turistas e visitantes. A essa ampliação dos potenciais

⁹ O trecho faz parte do artigo Diálogos entre cultura e educação na escola, da socióloga Maria Alice Setubal, presidente da Fundação Tide Setubal e diretora-presidente do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec). Disponível em <<http://educarparacrescer.abril.com.br/gestao-escolar/dialogo-cultura-escola-499667.shtml#>>. Acesso em 29/10/2011.

¹⁰ O projeto do Sebrae vigorou no triênio 2006/2008 e previa, como resultados para toda região do Cariri da Paraíba, aumentar o número de eventos culturais; aumentar número de pessoas ocupadas em hotelaria; aumentar o fluxo turístico e implantar novos produtos culturais.

turísticos associaram-se perspectivas de crescimento na oferta de empregos e da renda local e, ainda, uma oportunidade para a criação de novos empreendimentos pertinentes à atividade turística. Essa expectativa aumentou com os discursos institucionais, que foram ao encontro do que a população cabaceirense tanto ansiava: gerar novas oportunidades de emprego, renda e negócios por meio do turismo.

Paralelo às reuniões realizavam-se capacitações profissionais. Nesse mesmo período foi ampliada a participação de Cabaceiras em eventos nacionais de turismo. Entretanto, no passar dos meses, o entusiasmo inicial foi sendo substituído por ausências nos encontros com os gestores do projeto. Na avaliação dos sujeitos participantes da pesquisa, o desinteresse ocorreu em função da metodologia de trabalho aplicada ao projeto, que passou a direcionar suas ações aos mais participantes do setor turístico, a exemplo dos trabalhadores ou empresários. A comunicação com cabaceirenses de diferentes segmentos sociais, antes marcada pela horizontalidade, passou a ser verticalizada, ou seja, direcionada aos já atuantes ou mais propensos a trabalhar na atividade.

Ora, se percebeu que a importância era dada mais ao turismo como negócio que à análise desse fenômeno. Essa constatação, de certa forma, desmotivou alguns sujeitos que se pautavam na própria titulação dada ao projeto *Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano*, onde imaginava-se que, em sua essência, estaria uma maior valorização à formação cultural do povo cabaceirense. Seria o pensar, prioritariamente, no desenvolvimento humano, na preservação da sua tradição ou cultura, como defende Coriolano (2001). Para a autora, essa projeção faria com que a economia fosse tomada em função desse desenvolvimento mais humano, em que o ser ou sentir-se é mais valorizado que o possuir.

E foi pensando neste desenvolvimento, centrado no homem, que se investigou de que forma o projeto THCCP havia trabalhado o (re)conhecimento e valorização dos potenciais culturais e históricos do município, promovendo nas pessoas o chamado “resgate do orgulho pelo lugar”. Nas avaliações constatou-se que existiu o interesse em preservar e valorizar o patrimônio histórico-cultural, sendo muitas dessas discussões apresentadas em palestras, reuniões e cursos. Entretanto, as impressões são de que essa ação foi tratada superficialmente.

Segundo depoimentos, em meio às falas dos gestores do projeto a temática principal normalmente se voltava à questão dos negócios e empreendedorismo no setor turístico, sendo reduzidas as intervenções direcionadas à discussão cultural. Alguns sujeitos associaram a promoção do debate cultural ao Grupo Kiriri¹¹, e não à instituição gestora do projeto. Como lembra Rejowski (2002), desde a década de 1990 o Sebrae promovia ações de orientação e capacitação aos empresários e, depois, aos trabalhadores de negócios turísticos. Sendo, pois, característica dessa instituição a formação técnica, acrítica, voltada ao mercado de trabalho.

Para outros sujeitos, a conquista desse *sentimento de orgulho pelo lugar* não se concretizou devido a brevidade com que as ações foram tratadas pelos gestores do projeto THCCP. Essa brevidade não permitiu que a população, e alguns representantes da cadeia produtiva do turismo, absorvessem, por completo, entendimentos mais profundos sobre cultura e patrimônio local.

Comprovando ser questionável a intensidade das ações pertinentes à cultura, alguns sujeitos relataram que, mesmo após a passagem do projeto, ocorreram

¹¹ O grupo Kiriri foi criado anteriormente ao Projeto THCCP, ainda no Pacto Novo Cariri, reunindo pessoas que já trabalhavam com a cultura do Cariri. O grupo Kiriri fomentou novas ações no âmbito cultural caririzeiro, como também reforçou as que já existiam.

algumas modificações e pequenas reformas em construções históricas de Cabaceiras, como Igrejas e residências. Portanto foi uma conscientização, ao que se indica, não fortalecida na população. Leva-se a acreditar, então, que a atenção à cultura foi pouco expressiva por parte do projeto THCCP, visto que muitos sujeitos associaram o trabalhar a *formação cultural da população* com o *divulgar a cultura do lugar*, esta última voltada às ações de mídia e marketing¹².

Contudo, não se estranha essa associação, uma vez que alguns gestores do Sebrae, referências em se tratando do projeto THCCP, fizeram a mesma associação nas entrevistas destinadas à pesquisa. Para estes, o trabalho realizado na mídia faz Cabaceiras, ainda hoje, ser conhecida como a *Cidade do Bode Rei*. O fortalecimento dessa associação entre Cabaceiras e o *Bode Rei* é motivo de insatisfação para alguns representantes do segmento cultural. Para este grupo, é imprescindível à sustentabilidade de um lugar turístico abordar e discutir, de forma correta, os conceitos sobre cultura, patrimônio histórico e preservação das tradições.

Essa colocação foi posta por alguns sujeitos que apontaram a Festa do Bode Rei como um mero evento folclórico, de massa, com ampla divulgação na mídia local e nacional. No entanto, o mesmo não deveria, sozinho, representar a tradição e cultura cabaceirense. Pelo contrário, é um evento que, ao longo dos anos, enfraqueceu festividades mais antigas e mais tradicionais, como a Festa de São Bento (118 anos) e os festejos de São João em Cabaceiras e o São Pedro no Distrito de Ribeira de Cabaceiras. Estas últimas mantêm, desde as quadrilhas juninas tradicionais e oferta de comidas de milho, até brincadeiras típicas do período junino¹³.

Outros críticos ao *Bode Rei* alegaram que a festa, realizada nos primeiros dias do mês de junho, foi imposta pelos mercados de eventos e turismo, conseguindo se sobressair até mesmo ao cinema, outro importante potencial cultural de Cabaceiras. Destaca-se que os mesmos não consideram negativas as ações destinadas à mídia. A crítica recai sobre *o que e com qual frequência* alguns eventos representativos de Cabaceiras se sobressaem a outros. Possivelmente, as associações que unem o trabalhar a cultura local, com o divulgar essa cultura têm, por base, a própria política do turismo. Esta que, muitas vezes, enfatiza a competitividade antes de conscientizar uma comunidade sobre seus potenciais culturais ou turísticos. E as ações de mídia e marketing são fortes instrumentos para essa finalidade.

Percebeu-se, com relação à cultura, que a preocupação vigente em alguns sujeitos recaiu sobre a possibilidade da Festa do Bode Rei vir a ser a representação mais importante da cultura cabaceirense, em detrimento de outras vertentes mais tradicionais. Na avaliação dos sujeitos, o projeto THCCP foi importante à valorização de um evento popular, enquanto os efeitos no âmbito cultural não foram os esperados. E com relação à formação cultural propriamente dita da população, as ações foram marcadas pela brevidade, com debates mais técnicos que intelectuais. Conforme posto anteriormente, com contribuições superficiais.

¹² Adotou-se, aqui, como conceito de mídia, os meios e canais de comunicação: jornal, revista, rádio, televisão, sites de notícias, *outdoor*. Neste contexto, seriam as informações jornalísticas (*não pagas*) veiculadas nesses meios. Por marketing entendem-se as ações voltadas ao desenvolvimento, apreçamento, distribuição e promoção (*paga*, grifos da pesquisadora) de produtos e serviços, visando à adequação destes ao mercado. (Ferreira, 2010).

¹³ No mês dos festejos juninos são comuns brincadeiras como *pular a fogueira* e o *casamento matuto*, simpatias, e adivinhações. E como Santo Antônio é considerado o santo casamenteiro são comuns as simpatias feitas neste período do ano por para mulheres solteiras (homens também) que pretendem se casar.

Faz-se importante lembrar que a promoção de novos eventos culturais ou criação de novos produtos culturais, previstos entre os resultados do projeto THCCP, permitiria reflexos positivos no fluxo turístico, incentivando a cadeia produtiva deste segmento. Mesmo o previsto não ocorrendo, em específico, no município em estudo, decidiu-se fazer uma análise junto aos empreendimentos turísticos (hotéis e pousadas) verificando se, no decorrer ou após a implantação do projeto, surgiram novas vagas de trabalho e se houve incremento da renda.

5 Olhares dos Empreendedores e Trabalhadores do Lugar Turístico

Mesmo convencidos dos potenciais culturais e turísticos de Cabaceiras (por isso a decisão por investir nesse segmento), os empreendedores do município em estudo confirmaram que, nos últimos sete anos o fluxo turístico tem-se mantido estável nas pousadas, apesar do projeto THCCP prever crescimento na frequência e permanência de turistas em Cabaceiras, por meio da valorização da cultura e patrimônio. Um deles informou que a média de turistas recebidos no seu estabelecimento manteve-se estável entre os anos 2004 e 2010¹⁴, com frequência média de 200 até 300 turistas/ano. O segundo disse receber até 200 turistas (ano) desde que sua pousada foi construída. Ambos informaram que a permanência média desses turistas, nas respectivas pousadas, é de dois dias.

A exceção foi verificada no único hotel do município. Entretanto, o representante do mesmo não associou este crescimento à inserção do Sebrae no município, mas à divulgação, investimentos próprios, qualidade dos serviços e reconhecimento, nacional e internacional, da área onde o empreendimento está instalado. A média de turistas recebidos aumentou (entre 1.000 e 2.000 até 2004 e mais de 2.000 turistas a partir de 2005) e a permanência varia de três até cinco dias no estabelecimento. Para os três empresários a implantação do projeto THCCP foi positiva porque, além das capacitações promovidas, foi possível reunir a população que trabalhava e acreditava no turismo local. Entretanto, os mesmos afirmaram que os resultados não foram mais significativos em função da brevidade das ações e ausências dos gestores em determinados períodos.

Mesmo interessados em “fazer crescer” o turismo na zona urbana cabaceirense, valorizando seus potenciais culturais, os três empresários acreditam que o Lajedo de Pai Mateus e o Saca de Lã, como também outros atrativos naturais da região, são o que, de fato, ainda atraem turistas até Cabaceiras. Nas falas desses empresários registraram-se críticas relacionadas à falta de infraestrutura turística, de atrativos turísticos e de lazer na zona urbana. Foram críticas embasadas nas suas experiências, no ramo da hotelaria, e contatos com turistas nacionais e estrangeiros.

Há insatisfações, relataram os empresários, com relação aos atrativos existentes na área urbana. Segundo os mesmos, alguns turistas e visitantes mostram-se descontentes e alegam existir incoerências entre o que se divulga e o que se vê na cidade. Segundo um dos empresários: *divulga-se que Cabaceiras é cidade turística, histórica...que se auto-intitulou Roliúde Nordestina, como a cidade que mais tem produções cinematográficas. Mas, na verdade, isso não acontece. Você chega em Cabaceiras e é um marasmo [...] Isso é uma propaganda enganosa.* Outro

¹⁴ Com base no período citado, permitiu-se fazer uma avaliação tomando como base dois anos anteriores e dois posteriores à implantação do projeto Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano.

empresário disse que muitos turistas consideram a cidade bonita, limpa, semelhante outras da região, porém com poucos atrativos na zona urbana.

Também não foram verificadas repercussões positivas na contratação de trabalhadores para o setor de hotelaria após a inserção do projeto THCCP. Um empresário alegou não dispor, até o momento da pesquisa, de condições financeiras para contratar formalmente empregados. Por isso, optou por manter duas diaristas, que trabalham meio expediente, cada uma, em condições que, no período de almoço (11h30 até 13h30), ambas estejam no estabelecimento. À época da entrevista, ambas recebiam meio salário mínimo mensal¹⁵.

Noutro estabelecimento, o empresário trabalha com pessoas da própria família (nenhuma com carteira assinada) e disse que, com relação aos rendimentos oriundos do turismo, estes representam entre 20% e 30% da sua fonte de renda mensal. No entanto, disse, há períodos do ano em que é necessário fazer um complemento para cobrir as despesas da pousada. *Há época de maior frequência e a época de menor frequência [...] mas é bom também em épocas de eventos, nos meses de junho, dezembro e janeiro, quando a pousada recebe muitos turistas.*

Apenas um, dos três empresários entrevistados, afirmou sempre haver mantido trabalhadores formais¹⁶ no seu hotel. No momento desta pesquisa, por exemplo, o mesmo informou que oito estavam formalmente contratados no empreendimento. O empresário disse ainda que esse número de empregados, mantido nos últimos sete anos, é suficiente para o atendimento à sua demanda turística.

Com base nos três depoimentos constatou-se que, no momento desta pesquisa (fevereiro de 2011), apenas oito pessoas trabalhavam formalmente, com carteiras de trabalho assinadas, no segmento de hotéis e pousadas de Cabaceiras. Um quadro que, segundo os empresários, não apresentou mudanças no período compreendido entre 2004 e 2010.

Questionou-se, então, o motivo destas contratações formais não acontecerem, uma vez que o município recebe turistas com frequência. Nas respostas, a alegação que, de fato, há um bom fluxo de turistas em Cabaceiras. Porém não houve crescimento, permanente e significativo, na entrada de turistas, que justificasse novas contratações formais. Os empresários explicaram que essa demanda ainda é sazonal. Por isso, a opção mais adequada (e menos onerosa) é a contratação temporária quando há aumento nessa demanda turística.

Também não existiram mudanças significativas com relação ao número de contratações informais ou temporárias, que costuma ser o mesmo, sempre a depender de eventos ou outras necessidades do estabelecimento. Em Cabaceiras, praticamente todas as contratações temporárias ocorrem em períodos festivos (como o da Festa do Bode Rei) ou quando são feitas reservas para feriados prolongados ou visitas agendadas para grupos de escolas, turistas e pesquisadores, públicos vistos com frequência no município.

E mesmo quando surgem as vagas temporárias estas são, em geral, para funções de garçom, lavadeira, ajudante de cozinha, vigilância, atendimento e limpeza. Como defendido por alguns autores (BARRETO, 2003; OURIQUES, 2005; KRIPPENDORF, 2009) funções consideradas subalternas e associadas, apenas, à execução de serviços. Retoma-se, então, o pensamento de Krippendorf (2009)

¹⁵ A entrevista foi realizada em fevereiro de 2011 e o salário vigente, à época, era R\$ 510,00

¹⁶ Tem-se como trabalho formal àquele em que o empregado possui contrato de trabalho, existindo vínculo real ou jurídico com o contratante.

quando este autor questiona quais seriam os reais benefícios que o turismo é capaz de promover numa determinada localidade receptora.

O mesmo Krippendorf (2009) vai além, ressaltando que, aliada à sazonalidade das contratações temporárias, associam-se outros fatores negativos, como horários irregulares e sobrecarga de trabalho, conforme a frequência de turistas ao lugar. Concorde-se, nesta situação, com o que está posto por Ouriques (2005) que defende a apuração de um “senso crítico” para que sejam avaliadas não somente as (possíveis e alardeadas) benfeitorias do turismo. Faz-se necessário enxergar seus pontos negativos, os quais, via de regra, recaem sobre a classe trabalhadora.

Com base no exposto, pelos empresários de hotelaria do município, percebeu-se que a implantação do projeto THCCP não atingiu os efeitos esperados. Não houve aumento no número de pessoas ocupadas em hotelaria. E quanto ao aumento no fluxo turístico, apenas um empresário sinalizou positivamente neste sentido. Mesmo assim, o mesmo afirmou que esse mérito deveu-se a esforços próprios, não aos projetos do Sebrae.

Sobre o projeto THCCP e sua repercussão junto ao segmento de hotelaria, os três empresários voltaram a destacar sua importância para a realização de cursos e divulgação dos atrativos existentes em Cabaceiras. Mas, assim como os outros sujeitos participantes desta pesquisa, as falas dos empresários apontaram a brevidade das equipes do Sebrae na região e a promoção de mais reuniões que a realização de ações concretas como os principais fatores de descontentamentos com o projeto THCCP.

Ainda com relação aos empregos gerados por conta do turismo, duas atividades, diretamente relacionadas ao setor, chamaram atenção no decorrer da pesquisa realizada em Cabaceiras: guias de turismo e condutores locais de turismo¹⁷. Ao longo do trabalho em campo foi observado que essas atividades, surgidas no final dos anos de 1990¹⁸, registraram crescimento na década seguinte, atraindo, especialmente, àqueles moradores mais jovens que buscavam seu primeiro emprego no campo turístico. Esta constatação fez a Prefeitura promover cursos para a função de Conductor Local de Turismo, muitos realizados em parceria com instituições como o Sebrae, dentro das ações promovidas pelo projeto THCCP.

A pesquisa constatou que, apesar da inserção do projeto THCCP e da promoção de cursos de capacitação para essa categoria, a atividade ainda é marcada pela informalidade e precariedade nas relações de trabalho, fazendo com que muitos destes profissionais busquem outras atividades para complementar suas rendas. Verificou-se, em Cabaceiras, a existência de uma reserva de mão de obra constantemente disponível. O mais grave é que, mesmo não fazendo parte do setor formal de trabalho, essa mão de obra é capacitada para a função e, quando ocorre uma proposta para trabalho, esta normalmente é temporária e mal remunerada, porém com exigências semelhantes às requisitadas ao empregado formal.

As informações levadas à pesquisa contaram com a contribuição de 22 profissionais, sendo 17 capacitados na função de Conductor Local de Turismo e cinco guias de turismo. Nas entrevistas os guias de turismo e condutores locais de turismo ressaltaram a importância dos cursos de formação promovidos pelo Sebrae e

¹⁷ Cabaceiras possui 07 Guias de Turismo, cadastrados pelo Ministério do Turismo, e cerca de 50 Condutores Locais de Turismo, estes qualificados pela Prefeitura Municipal em parceria com instituições, como o Sebrae.

¹⁸ Possivelmente esse crescimento foi influenciado pelo turismo já existente no Lajedo de Pai Mateus

Prefeitura de Cabaceiras durante a vigência do projeto. As críticas recaíram sobre a brevidade nas ações e baixos salários pagos à categoria.

Dos 22 entrevistados que trabalham ou já exerceram a profissão de Guia/Condutor no município, doze responderam que recebiam menos de um salário mínimo mensal. Outros seis declararam não possuir renda fixa porque trabalham, apenas, em períodos festivos ou quando são chamados para atender algum grupo de turistas. O pagamento destes é feito por diárias¹⁹ ou contrato mensal, cujo valor também é menor que o mínimo. Apenas um guia de turismo, que trabalha entre três e cinco vezes por semana, disse receber até dois salários mínimos/mês. Dois informaram receber um salário mínimo mensal e um entrevistado não declarou renda.

Nas entrevistas foi revelado ainda que apenas seis profissionais trabalham durante toda semana. Parte contratada pela Prefeitura de Cabaceiras (recebendo menos de um salário mínimo/mês), enquanto outra atua no Hotel Fazenda Pai Mateus. Três informaram não trabalhar com frequência na atividade; dois trabalham apenas uma vez por semana e apenas um disse atuar entre três e cinco vezes por semana. Devido à instabilidade no emprego, aliada aos baixos salários pagos à categoria, dez profissionais (dos 22 entrevistados na pesquisa) decidiram buscar, noutra profissão, estabilidade no emprego e melhor salário.

Dos 22 entrevistados, vinte disseram ser comum revezar o trabalho de Guia/Condutor com outra atividade, encontrando-a em setores diferentes do turístico. As segundas ocupações mais citadas foram o trabalho com artesanato, na agricultura, pecuária ou em pequenas fábricas de confecções aonde atuavam no setor de costura²⁰. Mas havia também os que encontraram empregos em pousada/hotel (2 pessoas) na área educacional (um entrevistado) e no serviço público (3).

Novamente cita-se Krippendorf (2009), para quem é incontestável o poder do turismo como gerador de emprego e renda, especialmente em lugares mais pobres financeiramente e onde, via de regra, há uma massa de desempregados ávidos por um lugar no mercado de trabalho. Porém, análises mais apuradas podem fazer o entusiasmo inicial dar lugar à desilusão. Com base nas entrevistas desta categoria concluiu-se que, em Cabaceiras, apesar dos investimentos, dos cursos realizados e do projeto implantado, manteve-se a informalidade na categoria dos guias/condutores.

Concorda-se que o turismo fez surgir, em Cabaceiras, uma nova classe de trabalhadores. Porém, totalmente desprovida de direitos trabalhistas. Para Tavares M. (2008) é preocupante quando propostas de trabalho residem na flexibilização ou perda de algumas conquistas trabalhistas. Entre estas perdas estão a falta do depósito do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), aviso prévio em caso de demissões, seguro-desemprego e as justificativa de faltas nos casos previstos por lei. E com relação à implantação do projeto THCCP, dos 22 entrevistados, treze informaram ter conhecimento do mesmo. Destes, sete apontaram a iniciativa como sendo importante, mas necessária de maior duração, no município, para que conceitos apresentados sobre turismo e cultura fossem mais bem compreendidos pelos moradores.

Infraestrutura

¹⁹ Não há valor fixo para as diárias. Alguns disseram que o valor costuma variar entre R\$ 20,00 e R\$ 80,00.

²⁰ Cinco participantes, desta pesquisa, foram entrevistados em pequenas fabricas de costura. Segundo estes, parte da produção dessas fábricas vai para o estado de Pernambuco.

Com relação à infraestrutura turística constataram-se melhorias na preservação do casario que fez parte dos cenários para os filmes rodados em Cabaceiras e na manutenção das praças onde são realizados eventos. Mesmo assim, persistem precariedades na sinalização turística, na manutenção da rodovia estadual que leva ao município, como também nas sinalizações, vertical e horizontal, dessa mesma rodovia. Faltam também investimentos no lazer noturno e incentivos destinados à melhoria dos equipamentos de apoio a turistas e visitantes, e que também servem à população do município (restaurantes, bares, lanchonetes).

No tocante à infraestrutura básica, a Prefeitura informou que toda água utilizada na zona urbana do município é tratada. O manejo de resíduos sólidos é realizado em caminhão fechado. Porém, inexistente coleta seletiva. O lixo é disposto, em estado bruto, a céu aberto. Foi informado ainda que o volume coletado cresceu 20% no período 2004/2010, o que representa preocupações, principalmente em se tratando de área turística.

Ruschmann (2008) ressalta que a infraestrutura geral e turística constituem “a base de funcionamento adequado para atender às necessidades básicas tanto dos turistas como da população receptora” (RUSCHMANN, 2008, p. 140) daí a importância em investimentos adequados por parte do poder público municipal.

Considerações Finais: O planejamento voltado à escala humana

A experiência de campo mostrou que o desenvolvimento, por meio do turismo, era, ainda, ansiado pelos moradores de Cabaceiras. Revelou-se, ainda, que a inserção do projeto THCCP não satisfaz, por completo, a expectativa dos moradores, fossem estes atuantes ou não no segmento turístico. A pesquisa defrontou-se com uma cidade turística que *até então* buscava seu desenvolvimento. Na compreensão dos cabaceirenses, a instituição gestora do projeto oferecia o possível, em se tratando das capacitações técnicas, cursos e mobilização dos agentes locais. Mas, uma insatisfação foi gerada em função da pouca atenção oferecida às pessoas e do pouco tempo dispensado às atividades deste lugar.

Na compreensão dos sujeitos participantes da pesquisa, deixaram-se, num segundo plano, valores mais humanos. É por isso que, mesmo pretendo a firmar-se como ciência humana e social, o turismo continua sendo, insistentemente, planejado com vistas aos seus efeitos econômicos. Daí compreende-se o título do projeto em estudo (Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano) supostamente enaltecer aspectos humanos e culturais, quando, de fato, a atuação esteve mais direcionada aos interesses do mercado. Ingenuidade imaginar o diferente. Afinal, o Sebrae é uma instituição cuja meta é promover a competitividade e desenvolvimento dos empreendimentos, visando à formalização da economia. E onde há competitividade nem sempre há lugar para *o pensar* nos aspectos mais humanos.

Ideologias à parte percebeu-se, nesta pesquisa, que se fazia necessário aprimorar a metodologia de trabalho aplicada à gestão do projeto THCCP. Faz-se, indispensável registrar a capacidade da instituição gestora do projeto em reunir representações dos mais distintos segmentos sociais. Contudo, tornar-se-ia salutar, à mesma, antes de planejar e executar novos projetos, reavaliar ou reelaborar a atuação do gestor neste processo, delimitando sua área de atuação e ampliando seu período de dedicação aos objetivos propostos.

Pelo que foi posto, faltou à figura do gestor um acompanhamento, mais intenso e duradouro, sobre os empreendimentos que faziam parte do projeto THCCP e das pessoas envolvidas no mesmo. A metodologia do Sebrae, cuja visão é mais tecnicista e voltada ao campo empresarial e da capacitação profissional, foi um pouco de encontro a alguns anseios dos cabaceirenses. Para estes, muitas vezes o apreço à amizade, o ajudar ou estar próximo ao amigo ou parente é mais importante que o dinheiro ganho num turno de trabalho.

É necessário à instituição compreender que, mesmo a população pretensa a ser capacitada e a obter melhor formação profissional, esta carecia de uma metodologia que fosse, também, mais humana. Como enfatiza Coriolano (1998, p. 148), desenvolvimento local significa, acima de tudo, um desenvolvimento pensado na escala humana, atendendo às demandas sociais. Nele, o homem passa a ser a medida de todas as coisas e não apenas os índices quantitativos e o lucro.

Referências

BARRETO, Margarida. O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n. 20, p. 15-29, outubro de 2003.

BENI, Carlos Mario. **Política e planejamento de turismo no Brasil**. São Paulo: Aleph, 2006.

BUARQUE, Sérgio C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável**. 4 ed., Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

CAVALCANTI, Clóvis. Celso Furtado e o Mito do Desenvolvimento Econômico. **Revista da Fundação Joaquim Nabuco**. n. 104/março 2001. Recife. Disponível em <<http://www.fundaj.gov.br/tpd/104.html>>. Acesso em: 06/07/2010.

CORIOLOANO, Luzia Neide Menezes Teixeira. **Do local ao global: o turismo litorâneo cearense**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998. Coleção Turismo.

_____. **Os Limites do Desenvolvimento e do Turismo**, (2001). Boletim Goiano de Geografia, 21 (2): 25-45, jul/dez 2001.

ESTEVA, Gustavo. Desenvolvimento. In: SACHS, W. **Dicionário do desenvolvimento: guia para o conhecimento como poder**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 8 ed., Curitiba: Positivo, 2010.

FURTADO, Celso. **O mito do desenvolvimento econômico**. 5 ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra S.A. 1981.

_____. **Desenvolvimento e subdesenvolvimento**. 5 ed., Rio de Janeiro. Contraponto. Centro Internacional Celso Furtado, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KRIPPENDORF, Jost, 1938-2003. **Sociologia do turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. 3. ed. revisada e ampliada. São Paulo: Aleph, 2009.

MTur – Ministério do Turismo. **Questionário respondido por e-mail para Ana Cláudia Santos Papes**. João Pessoa, 11 de março de 2011.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Guia de desenvolvimento do turismo sustentável**. Bookman, 2003.

OURIQUES, Helton Ricardo. **A produção do turismo**: fetichismo e dependência. Campinas/SP: Alínea. 2005.

PAIVA, Maria das Graças de Menezes V. **Sociologia do turismo**. Campinas, SP: Papirus, 1995/9 ed. 2005. Coleção Turismo.

REJOWSKI, Miriam (Org.). **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: Aleph, 2002.

RIVERO, Oswaldo de. **O mito do desenvolvimento**: os países inviáveis no século XXI. Tradução de Ricardo Anibal Rosenbush. Petrópolis: Vozes, 2002.

RUSCHMANN, Doris Van de Meene. **Turismo e planejamento sustentável**: a proteção do meio ambiente. 14 ed., Campinas, SP: Papirus, 2008.

SACHS, Wolfgang. **Dicionário do desenvolvimento**: guia para o conhecimento como poder. Tradução de Vera Lúcia M. Joscelyne, Susana de Gyalokay e Jaime A. Clasen. Petrópolis – RJ: Vozes, 2000.

TAVARES, Maria Augusta. A exploração travestida de cooperação. In: VIEIRA, Ana Cristina de Souza; AMARAL, Maria Virgínia Borges (Orgs.). **Trabalho e direitos sociais**: bases para a discussão. Maceió: EDUFAL, 2008.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Tradução de Daniel Grassi. 3. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.